

BILL KONIGSBERG

"Engraçado, inesperado, apimentado com diálogos excelentes – e, o melhor de tudo, dolorosamente honesto." – Ned Vizzini, autor de *Casa de segredos* e *Uma história meio que engraçada*

A
P
E
N
A
S

U
M

G
A
R
O
T
O





O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

Para Chuck Cahoy, sempre.

SE DEPENDESSE DO MEU PAI, minha vida inteira seria gravada.

Eu faço qualquer coisa e ele pega o celular.

– Opa! – grita para minha mãe. – Rafe está comendo cereal. Temos que filmar isso.

Ele fala “filmar”, como se, em vez de um iPhone, tivesse toda uma equipe de cinegrafistas ali, me filmando.

Então, quando ele estacionou seu SUV híbrido diante de uma enorme construção com fachada de pedra e eu saí do carro para examinar minha nova casa pela primeira vez, não fiquei surpreso de ele ter pegado o telefone imediatamente.

– Aja como se você estivesse chegando em casa depois de três anos servindo ao Exército – disse ele, com o olho esquerdo escondido atrás do aparelho. – Faça umas piruetas, vire estrela.

– Não acho que soldados façam piruetas – retruquei. – E... não.

– Pelo menos eu tentei.

O problema é que ninguém jamais assiste a esses vídeos. Já vi meu pai gravar o equivalente a semanas, mas nunca, nunca o vi assistir a nenhum deles, nem cumprir as ameaças de publicá-los no “Face”, como ele diz.

– Se você não guardar esse celular, vou jogá-lo longe – falei. – Sério. Chega.

Ele tirou o aparelho da frente do rosto e me lançou um olhar magoado enquanto permanecia, parado ali de pé, os joelhos ossudos reluzindo ao sol.

– Você não vai jogar meu filho longe.

– Pai. Eu sou seu filho.

– É. Mas você não grava vídeos.

Ele guardou o outro filho no bolso e ficamos ali em pé, um do lado do outro, espantados com a fortaleza de pedra que seria o meu dormitório, na ala leste. À nossa volta, outras famílias descarregavam caixas e malas na calçada. Garotos trocavam apertos de mãos e davam “soquinhos”, como velhos amigos. O dia estava abafado, e o grande carvalho perto da entrada era

o único abrigo contra o sol escaldante. Alguns pais se sentaram na grama, observando a caravana de carros passando. Cigarras cantavam, aquela cacofonia invisível invadindo meus tímpanos.

– Bem, não é assim que fazem isso lá em Boulder – disse meu pai.

Ele apontava para a antiga construção, provavelmente erguida até mesmo antes de Boulder se tornar uma cidade.

– Com certeza não – respondi, as palavras quase entalando na minha garganta.

Senti como se eu tivesse feito todos os deveres de casa e gabaritado todos aqueles testes por uma razão. Finalmente, ali estava. Minha chance de mudar. Na escola Natick eu poderia ser apenas Rafe. Não o filho colorido da Opal e do louco do Gavin. Não o menino “diferente” do time de futebol. Não o garoto declaradamente gay que calculava todos os passos que dava.

Talvez, olhando de fora, eu fosse mesmo isso. Sim, eu saí do armário. Primeiro para os meus pais, quando eu cursava o oitavo ano, depois na Rangview, no nono ano. Porque é uma escola *aberta e compreensiva*. Um *lugar seguro*. E então meu time de futebol se reuniu e todos ficaram sabendo. O resto da família, amigos de amigos. Rafe. Gay.

E ninguém surtou. Ninguém ficou arrasado, assustado ou se sentiu insultado. Não muito, pelo menos. Tudo correu superbem.

O que é bom, claro.

Mas um dia acordei e me olhei no espelho, foi isto que eu vi:

GAY GAY GAY RAFE GAY GAY GAY GAY GAY GAY
GAY GAY GAY GAY GAY GAY GAY RAFE GAY GAY
GAY GAY GAY GAY GAY GAY GAY GAY GAY GAY
GAY GAY GAY GAY GAY GAY GAY GAY GAY GAY
GAY GAY GAY GAY GAY GAY GAY GAY GAY GAY
GAY GAY GAY GAY GAY GAY GAY GAY GAY GAY
GAY GAY GAY GAY GAY GAY GAY GAY GAY GAY
GAY GAY GAY GAY GAY GAY GAY GAY GAY GAY
GAY GAY GAY GAY GAY GAY GAY GAY GAY GAY
GAY RAFE GAY GAY GAY GAY GAY GAY GAY GAY

Para onde Rafe tinha ido? Onde eu estava? A imagem diante de mim era tão bidimensional que não conseguia me reconhecer nela. Eu parecia tão invisível no espelho quanto na manchete que o *Daily Camera* de Boulder tinha publicado um mês antes: “Estudante gay do ensino médio fala abertamente.”

Na verdade, havia muitos motivos para eu me mudar para o outro lado do país e fazer o penúltimo ano na Natick. O problema é que é difícil explicar alguns deles para determinadas pessoas – a presidente da associação de Pais, Parentes e Amigos de Gays e Lésbicas de Boulder, por exemplo. Ela não entenderia que, embora tenham tornado mais fácil a vida de um garoto gay, o garoto gay ainda queria ir embora.

Ainda mais se a presidente da PPAGL de Boulder é a sua mãe.

Talvez eu tenha omitido algumas verdades. Quero dizer, não estava mentindo ao falar que queria ir para uma escola mais parecida com Harvard ou Yale; eu queria mesmo. Minha mãe ficou preocupada que um colégio interno exclusivo para rapazes pudesse ser um ambiente homofóbico, mas expliquei que não só havia uma Aliança Gay-Hétero em Natick como, no ano anterior, um ex-aluno que é jogador de futebol americano e gay assumido foi lá dar uma palestra. Saiu até um artigo no *Boston Globe* sobre isso, sobre como até uma escola como Natick estava se ajustando à “nova ordem mundial” em que ser gay é ok. Então minha mãe ficou satisfeita. E, sem que ela soubesse, isso me daria a chance de viver livre de rótulos.

Na noite anterior, meu pai e eu jantamos no restaurante vietnamita em Harrisburg, Pensilvânia. O que ele não percebeu, enquanto comíamos macarrão de arroz e frango em cestinhas de alface, foi que eu silenciosamente me despedia de uma parte de mim: meu rótulo. Aquela palavra que me definia como uma coisa só.

Muitas vezes isso me limitava.

– Um dólar pelos seus pensamentos – disse o meu pai. Era a inflação, explicou.

– Estou só viajando – respondi.

Eu estava pensando em como as cobras trocavam de pele todo ano e como seria maravilhoso se as pessoas fizessem isso também. De muitas maneiras, era o que eu queria que acontecesse.

Como se no dia seguinte eu fosse ganhar uma nova pele que pudesse ter

qualquer aparência, ser diferente de tudo o que já conhecera. E isso me fez sentir um pouco como se eu estivesse prestes a nascer. De novo.

Meu pai abriu o porta-malas e começou a descarregá-lo, colocando minhas malas e caixas no concreto quente. O suor brotava na minha testa e pingava no lábio superior enquanto eu fazia um esforço enorme para levantar uma caixa que tinha se enfiado debaixo das malas. Era um calor úmido, algo que experimentei pela primeira vez quando chegamos ao Meio-Oeste, talvez em Iowa. Nunca estivera tão a leste do Colorado antes dessa viagem e agora ali estava eu, prestes a morar na Nova Inglaterra.

Depois de quatro longas e suarentas viagens de escada até o quarto andar, deixei todas as minhas coisas no dormitório. Meu colega de quarto, um garoto chamado Albie Harris – pelo menos de acordo com o e-mail que eu tinha recebido – não se encontrava ali, mas vimos as tralhas dele assim que abrimos a porta.

Seu lado do quarto estava uma bagunça. Como se tivesse acontecido um terremoto. Sobre o piso de linóleo, havia móveis comuns: duas mesas de madeira falsa uma do lado da outra, duas cômodas brancas aos pés de duas camas de solteiro de metal, em lados opostos. Mas havia uma caixa de cereais aberta, com flocos espalhados pelo chão. Um travesseiro, sem fronha, tinha cruzado o cômodo e aterrissado embaixo da minha cama, junto com uma camiseta preta, um livro de ciências e o que parecia ser uma máscara com um par de óculos preso a um nariz e um bigode falsos.

Albie devia ter chegado um dia antes de mim, já que os dormitórios haviam sido abertos na véspera. Ainda assim, pelo menos cinco latas de refrigerante amassadas jaziam embaixo e em volta da cama desarrumada. No centro do quarto havia duas malas abertas, ainda cheias, com as roupas saindo pelas laterais. Na escrivaninha dele, vi dois walkie-talkies e um rádio com um monte de botões. Na parede sobre a cama, ele colara um intimidante pôster de um carro explodindo. Na parte inferior, em grandes letras vermelhas, lia-se: PLANETA SOBREVIVÊNCIA.

Olhei para meu pai e arregalei os olhos. Ele abriu aquele meio sorriso irônico de quem saboreia algo que pode lhe ser útil depois. Eu sou do tipo que guarda panos de limpeza no armário, e ele me conhecia bem o bastante para saber que eu estava horrorizado com aquela calamidade.

Desabei na cama que meu colega deixara intocada. Papai parou na entrada e pegou o iPhone, e eu gemi.

– Uma combinação perfeita – disse ele, tirando uma foto panorâmica do quarto.

Nada era mais irritante do que ver que uma opinião do meu pai se provava correta. Durante quatro meses, e ao longo dos 3.500 quilômetros que tínhamos percorrido, ele ficou dizendo que eu estava cometendo um erro. Essa seria a hora de negar, insistir na minha ideia, mas parecia inútil discutir. Se meus pais tivessem pagado meu colega para fazer meu novo quarto parecer a pior moradia possível para mim, seria exatamente assim.

Então me rendi. Apoiei a cabeça nas mãos e a balancei de um jeito exagerado, como se estivesse realmente chateado.

– Isso não é um bom sinal – falei.

Meu pai riu, aproximou-se e sentou ao meu lado, passando o braço pelo meu ombro.

– Olha. Isso é o que é – disse ele, sempre o grande filósofo.

– Eu sei, eu sei. Tenho que fazer minhas escolhas e aceitar as consequências. Sou livre para cometer meus próprios erros.

– Ei – continuou ele, dando de ombros. – O universo é infinito.

Na língua do meu pai, isso significava: *Sou só um cara. O que eu sei da vida?*

Ele se levantou.

– Quer que eu o ajude a desfazer as malas? – perguntou, com a voz de um homem que ia encarar uma viagem de volta de 3.500 quilômetros e não estava nem um pouco a fim de guardar camisas em gavetas naquele momento.

– Eu cuido disso – respondi.

– Tem certeza?

– Tenho.

Papai foi até a janela, e me juntei a ele. Meu dormitório ficava nos fundos do alojamento, com vista para um enorme gramado. Lá fora, garotos haviam se dividido em grupos e jogavam frisbee. Garotos, todos garotos. Muito conservadores, estilo Nova Inglaterra. Não pareciam muito diferentes das fotos na internet, aquelas que despertaram meu interesse. Mas bem distantes do que aquilo que eu via do meu colega de quarto.

– Tem certeza de que este é o lugar certo para você?

– Eu vou ficar bem, pai. Não se preocupe.

Meu pai olhou pela janela, como se todo aquele lugar o deixasse triste.

– Seamus Rafael Goldberg. Na Natick. De algum modo isso não parece certo – insistiu ele.

Sim, meu nome é Seamus – pronuncia-se XEI-mus – Rafael Goldberg. Experimente ter esse nome aos 5 anos. Quando criança me chamavam de Seamus, depois passaram a me chamar de Rafael, o que é quase pior (por não ser um nome comum no meu país), até eu completar uns 10 anos. Escolhi o apelido *Rafe* no quinto ano, e tenho insistido nele desde então.

Meu pai atravessou o quarto, me deixando sozinho na janela, e vi um garoto arremessar um frisbee por uns 45 metros.

Ele virou a câmera para mim e fez uma careta.

– Vamos. Um vídeo para a mamãe – disse ele, e dei de ombros.

Fui até o meio do cômodo, perto dos cereais espalhados no chão, e apontei para baixo, como se fosse um guia turístico no Grand Canyon. Meu pai riu. Então corri até a cama do meu colega de quarto, juntei minhas mãos e inclinei a cabeça sobre elas, como se dissesse: *Estou apaixonado!*

Com a gravação ainda rolando, voltei para a janela, tentando pensar numa pose divertida. Mas então algo estranho aconteceu. Senti um frio na barriga e mordi o lábio. Não sou muito bom em demonstrar emoção, o que tornou tudo mais esquisito. Achei que eu ia sucumbir e começar a chorar, duramente ciente de que, assim que meu pai fosse embora, só haveria pessoas desconhecidas ao meu redor. Ele deve ter notado algo, porque baixou o telefone, se aproximou e me deu um abraço suado.

– Você vai ser um astro do rock aqui, Rafe – sussurrou em meu ouvido.

Essa era uma das coisas que ele sempre dizia, desde que eu tinha 5 anos e fui para o jardim de infância. Eu ia ser um astro do rock na caixa de areia do parquinho, ia ser um astro do rock na orquestra do sexto ano e agora ia ser um astro do rock na Natick.

– Eu amo você, pai – falei, um pouco engasgado.

– Eu sei. Também amamos você, cara. Vá se divertir, conhecer pessoas novas... – aconselhou ele, quase tropeçando na caixa de cereal ao me soltar e caminhar até a porta – ... arrumar um namorado.

Fiquei tenso. Não era exatamente aquilo que eu queria anunciar na mi-

nha primeira hora na Natick. Havia garotos passando, mas ninguém parou para olhar.

– Dê um abraço na mamãe por mim – falei, e o abracei mais uma vez.

– Um último videozinho? – perguntou ele, apontando o iPhone para mim outra vez.

Coloquei a mão na frente do rosto, como se fosse uma celebridade cansada de tirar fotos. E era mesmo. Não uma celebridade, mas um garoto cansado da câmera.

Quando você é o filho gay de Gavin e Opal, sempre tem a sensação de que está sendo observado. Mas isso não necessariamente acontece de um jeito ruim. As pessoas apenas observam. Porque você é interessante e diferente. O problema é que você não sabe o que elas estão vendo. E esse é o tipo de coisa que pode deixar um cara louco.

Papai entendeu o recado e guardou o telefone no bolso pela última vez.

– Tchau, filho – despediu-se, enquanto um sorriso doce e único surgia em seu rosto.

– Tchau, pai.

Então ele me deixou sozinho no meu novo mundo, olhando para a página quase em branco que era o meu lado do quarto.



Uma coisa que eu não percebi quando idealizei minha vida idílica em Natick foi que a realidade não incluía ar condicionado. O prédio do alojamento era antigo, acho. Escancarei a porta e as janelas para que o ar circulasse um pouco, mas isso não ajudou muito a refrescar o quarto opressivo ou diminuir meu calor. Então, enquanto enfiava minha segunda mala vazia no armário, decidi tomar um banho. Pelo cheiro que eu estava sentindo, minha data de validade parecia ter passado havia semanas.

Um garoto zuniu pela porta, até que ouvi os passos diminuírem e pararem. Ele voltou. Parado na entrada do meu quarto, com uma camiseta azul royal, estava um garoto alto, com um corpo legal, cabelos pretos, olhos azuis e ombros irresistíveis.

– E aí, cara? – cumprimentou ele. – Está rolando um jogo lá embaixo, você quer... Meu Deus!

– O quê? – perguntei, olhando para trás.
– Você é igualzinho ao Schroeder.
– Do *Snoopy*?
– O quê? Não. Um garoto daqui. Ele se formou ano passado. Megapopular. Você poderia ser irmão dele.
– Ah – murmurei, o coração disparado.
– Fui o primeiro a falar isso para você? – perguntou ele, revelando dentes brancos perolados perfeitos.
Sorri de volta, fascinado por ele. Torci para não estar corado.
– Você é o primeiro a falar comigo. É a primeira pessoa que conheço aqui.
– Está brincando? Bem, vamos descer. Estamos jogando futebol e seria bom ter mais um ou dois participantes. – Ele estendeu a mão. – Meu nome é Nickelson. Steve Nickelson.
– Rafe Goldberg.
– Você vem?
– Hum, claro – respondi.
O banho definitivamente podia esperar.

2

DESCEMOS AS ESCADAS CORRENDO e, quando saímos para o campo atrás do alojamento, vi um monte de rapazes grandes e musculosos espalhados pelo gramado, arremessando uma bola de futebol americano. Mais parecia um desfile de modelos sarados.

– Olha só – disse Steve, correndo na direção deles. – Com quem esse cara se parece?

– Com a sua mãe? – perguntou um garoto.

Então os outros olharam para mim e vi um monte de sorrisinhos.

– Achei que já tivéssemos nos livrado do Schroeder. Para onde ele foi? Para a Tufts?

Quem falou isso foi um garoto de voz grossa e rosto coberto de espinhas.

– Isso.

– Qual é o seu nome?

Os comentários e as perguntas chegavam tão rápido que eu não tive tempo de notar nada além do fato de estar diante de uns doze garotos fortes, quase todos muito bonitos. Eles pareciam formar uma grande massa, uma enorme bolha de testosterona.

– Rafe Goldberg.

– Ah, você é o garoto novo do segundo ano, né? De onde você é? – perguntou um rapaz de cabelos louros espetados e camiseta de skatista.

– Sim, sou eu. Do Colorado.

– É, eu tinha escutado falar de um aluno novo no segundo ano – comentou um cara bronzeado vestindo uma camisa dos Patriots virada do avesso.

– Vai jogar?

– Claro – respondi.

As apresentações se restringiram ao mínimo. Não era bem o momento. O Garoto da Acne estendeu a mão para mim.

– Robinson – disse.

Então respondi:

– Rafe.

E parou por aí.

– Ei! Colorado! – chamou Steve. – Você é rápido?

– Sou.

Tirando o esqui, essa devia ser minha melhor habilidade nos esportes. Jogo futebol mais ou menos bem, e meus amigos em Boulder não curtiam muito futebol americano. De repente o pessoal da Natick poderia gostar mais.

Eles escolheram as equipes. Eu fiquei com Steve, o garoto com a camisa do avesso – cujo nome era Zack, como acabei descobrindo –, um negro caladão chamado Bryce – que usava uma camiseta com os dizeres EU QUERO CHEGAR LÁ – e Ben, um cara enorme que tinha o dobro da minha largura e pernas que pareciam hidrantes.

– Podem começar com a bola, já que vão ser massacrados mesmo – avisou Steve enquanto nos posicionávamos para o pontapé inicial.

Eu não conhecia assim tão bem as regras do futebol americano, então decidi que minha estratégia seria esperar e observar.

Steve deu o *kickoff*, chutando a bola muito alto e longe na direção do outro time, que estava de frente para nós. Então corremos uns ao encontro dos outros, o sol forte em cima de nós, o ar denso.

Acabou sendo bem divertido. Os garotos do outro time tentavam nos bloquear enquanto corríamos na direção do que tinha pegado a bola. Um levantou o braço na frente do corpo e eu tentei desviar. Ele me acertou no peito uma vez, o que quase me deixou sem fôlego. Então olhei em volta e vi Steve batendo com as duas mãos no cara com a bola, e a jogada acabou.

Enquanto os jogadores do outro time se reuniam, Steve nos disse o que fazer. Eu deveria cobrir Robinson. Ele foi até a linha, me viu e deu um sorriso forçado. Era mais alto e maior, tinha as pernas mais musculosas que as minhas e usava um crucifixo no pescoço. Concluí que, se jogassem a bola para ele, eu deveria pegá-lo antes que ele passasse por mim.

Um garoto alto de pele branca e cabeça raspada estacou no meio, com dois caras de cada lado, nos encarando.

– Vai! – gritou ele.

Robinson deu passos largos como os de um cavalo, e eu cambaleei para trás, encarando-o. Arregalou os olhos e passou correndo por mim, então

me virei e também corri o mais rápido que pude. Ouvi Steve gritando e de algum modo entendi que tinha que olhar para cima.

Ali estava a bola, voando na nossa direção. Robinson se virou e começou a se ajeitar para pegá-la. Eu estava bem ao lado dele e pulei uma fração de segundo antes.

Eu costumava jogar vôlei. Sei saltar alto e sei cortar. Usei os punhos e atirei a bola no chão.

– Isso! – berrou Steve, correndo na minha direção como um louco. – Esse é o Schroeder! Ninguém traz essa porcaria para o meu campo!

Zack estava vindo também, e os dois davam a entender que eu tinha feito algo incrível. O sangue pulsava nas minhas veias e eu sentia os cabelos da nuca arrepiados.

– Era o que Schroeder dizia – explicou Steve, batendo sua mão na minha. Imitei a voz de Schroeder como Steve tinha feito e gritei:

– Ninguém traz essa porcaria para o meu campo!

Steve olhou para o Zack e eles bateram os punhos fechados.

– Ele fala igual ao cara! – disse Steve.

Apontei para Robinson, que corria de volta para junto do seu time.

– Hã-hã – murmurei, balançando o dedo para eles.

Ele me ignorou e se juntou ao time dele.

Steve e Zack se abraçaram, agitados.

– Agora, sim, um original do Colorado. Ninguém pode apontar o dedo para o Schroeder! Vamos ter que chamá-lo de Schroeder Dois!

Tive momentos de grande prazer na minha vida. Não consegui me lembrar de nenhum como aquele. Isso me surpreendeu. Nunca pensei que fosse o tipo de garoto que se misturaria com os atletas, mas ali estava eu, todo orgulhoso por ter recebido um apelido.

Eu, um atleta? Pensei nisso, saboreei a ideia. Ela me fez sorrir e depois rir um pouco. A euforia tomou conta de mim. Era essa a sensação em meu peito. Euforia. Nunca tinha experimentado isso antes.

Ainda eufórico, olhei para Ben e Bryce a tempo de vê-los revirando os olhos um para o outro. Parei de sorrir, constrangido. Por que aquilo? O que eu tinha feito para eles? Só queria me divertir. Eles me fizeram lembrar as PDP em Boulder – as Pessoas de Preto, que usavam sobretudo, se isolavam e julgavam todo mundo. Quem diabos eles eram para me julgar?

Apesar disso, o jogo foi divertido. Na verdade, fiquei um pouco aliviado quando eles pararam de me chamar de *Schroeder Dois* depois que me mostrei menos apto a pegar os passes. Steve me passou a bola duas vezes seguidas. Na primeira, ela escorregou e, na segunda, me acertou no peito e quicou para longe. Achei que tinha chegado perto, ainda mais na segunda tentativa, mas isso pareceu não contar, e o apelido foi esquecido. Ótimo. Não queria mais um rótulo para me definir.

– Vamos lá – disse Steve quando nos juntamos para o último ataque, com o placar apertado. – Colorado, faça um *buttonhook* de dez passos. Zack, vá direto pela esquerda. Benny, para fora e para dentro. Bryce, você vai ter que disparar. *Flag deep*, ok?

Das outras vezes que nos reunimos, ele tinha indicado as rotas com o dedo, mas de repente começou a falar os nomes das jogadas. Eu não sabia o que fazer, então, depois que gritamos “Tempo!”, cutuquei o enorme ombro esquerdo de Ben, o Idiota.

– Hã... o que é um *buttonhook*?

Ele olhou para mim achando graça. Então ergueu a palma da mão e desenhou a jogada: uma corrida rápida – uns dez passos, calculei – e uma girada.

– Obrigado – falei, com um sorriso forçado. – Fico te devendo uma.

Ele meneou a cabeça e passou para o outro lado de Steve. Eu me alinhei à esquerda, de frente para Robinson, e, quando Steve disse “Já!”, corri dez passos e me virei.

A bola estava no meu rosto. Atingiu meu nariz bem na hora em que eu ergui as mãos para agarrá-la. Tarde demais. A dor me fez perder o fôlego. Depois de bater no meu nariz, a bola ricocheteou para a minha mão esquerda e eu a ajeitei, afastando os braços do corpo.

Ali estava ela, nos meus dedos. Eu a equilibrei até conseguir aninhá-la, então fechei as minhas mãos ao redor dela, deixei os braços junto ao corpo e comecei a correr.

– Ele agarrou com uma das mãos! – ouvi Steve gritar.

Então saí correndo para o limite do campo do outro time.

Assim que peguei velocidade, eu soube que Robinson não conseguiria me pegar.

– *Touchdown!* – berrou Steve.

Atirei a bola no chão, como via os jogadores fazerem na TV. Então inventei uma dancinha, porque você tem que dançar quando atinge o limite do campo. Todo mundo sabe disso. Levantando e abaixando os ombros, me balancei de um lado para outro.

– O cara tem estilo! – elogiou Steve, aproximando-se para dar um tapinha nas minhas costas.

Quando me virei para responder, senti o sangue.

– Que merda! – exclamou Steve, e os outros garotos do time correram até nós.

– Parece sério – disse Bryce.

– Estou bem – falei.

Não estava tão bem assim, mas não queria parar de comemorar, mesmo que fosse por uma emergência médica.

Ben pegou no meu ombro.

– A gente devia levar você para a enfermaria. Pode ter quebrado.

– Que nada – falei, me afastando. – Meu nariz sangra só de alguém olhar torto para ele. Estou bem.

Ele me fitou nos olhos. Os dele eram de um azul translúcido. Ben parecia ser um cara legal. Eu não queria desviar o olhar. Percebi que não ser o garoto gay ali me dava mais abertura. Jamais poderia fazer contato visual com os atletas em Boulder. Era um acordo: eles me aceitavam no time e eu não os assustava com contatos visuais. Ali não havia acordo nenhum. Ben piscou, eu pisquei de volta e, quando aquilo começou a parecer íntimo demais, desviei o olhar.

O *touchdown* marcou a nossa vitória. Terminei a última série de arremessos com sangue escorrendo do nariz e, quando o jogo acabou, Bryce se aproximou e me entregou umas folhas de papel toalha.

– Obrigado.

– Sem problema – disse ele, sem inflexão, e então se afastou com Ben, todo superior, me deixando com Steve e Zack.

Voltamos para o alojamento juntos, e eles perguntaram se eu gostaria de encontrá-los mais tarde para jantar.

– Claro – respondi.

Então voltei para o quarto com o nariz sangrando e um sentimento de euforia que era completamente novo para mim.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br